

# DEMOCRACIAS OCIDENTAIS SE TRANSFORMARAM EM PROPAGANDISTAS DE GUERRA E CONFLITO

Por John Pilger\*



*AP via Deutsche Welle.*

*Patrocinando ações na Iugoslávia, Afeganistão, Iraque e Líbia, e avançando até a fronteira da Rússia, a verdade implícita é que a OTAN é a real ameaça à segurança europeia.*

**A** profecia de Marshall McLuhan<sup>1</sup> de que “o sucessor da política será a propaganda” aconteceu. A propaganda bruta é agora a regra nas democracias ocidentais, especialmente nos EUA e na Grã-Bretanha.

Em questões de guerra e paz, um engano ministerial é relatado como notícia. Fatos inconvenientes são censurados, demônios são alimentados. O modelo é o *spin* corporativo, a moeda da época. Em 1964, McLuhan declarou: “O meio é a mensagem”. Hoje, a mentira é a mensagem.

Mas isso é novidade? Faz mais de um século que Edward Bernays, o pai do *spin*, inventou as “relações públicas” como disfarce para a propaganda de guerra. O que é novo é a eliminação virtual da dissidência no *mainstream*.

O grande editor David Bowman, autor de *The Captive Press*, chamou isso de “uma defenestração de todos os que se recusam a seguir uma linha e a engolir o intragável e são corajosos”. Ele se referia aos jornalistas independentes e que

<sup>1</sup> Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) foi educador, intelectual, e teórico da comunicação canadense, famoso por sua máxima de que “O meio é a mensagem” e por ter cunhado o termo “aldeia global”.

faziam denúncias, os dissidentes honestos a quem as organizações de mídia uma vez deram espaço, muitas vezes com orgulho. Esse espaço foi abolido.

A histeria de guerra que assomou como um maremoto nas últimas semanas e meses é o exemplo mais impressionante. Conhecido por seu jargão, “moldar a narrativa”, muito, se não a maior parte, é pura propaganda.

Os russos estão chegando. A Rússia é pior do que ruim. Putin é mau, “um nazista como Hitler”, disse o parlamentar trabalhista (britânico) Chris Bryant. A Ucrânia está prestes a ser invadida pela Rússia – esta noite, esta semana, semana que vem. As fontes incluem um ex-propagandista da CIA que agora fala pelo Departamento de Estado dos EUA e não oferece evidências de suas alegações sobre as ações russas porque “vem do governo dos EUA”.

A regra da ausência de provas também se aplica em Londres. A secretária de Relações Exteriores britânica, Liz Truss, que gastou £500.000 de dinheiro público voando para a Austrália em um jato particular para alertar o governo de Canberra que tanto a Rússia quanto a China estavam prestes a atacar, não ofereceu nenhuma evidência. Cabeças antípodas assentiram; a “narrativa” não é contestada ali. Uma rara exceção, o ex-primeiro-ministro australiano Paul Keating, chamou o belicismo de Truss de “demente”.

Truss confundiu alegremente os países do Mar Báltico e do Mar Negro. Em Moscou, ela disse ao ministro das Relações Exteriores russo que a Grã-Bretanha nunca aceitaria a soberania russa sobre Rostov e Voronezh – até que lhe foi dito que esses lugares não faziam parte da Ucrânia, mas sim da Rússia. Ler a imprensa russa sobre a palhaçada desta pretendente a 10 Downing Street dá vontade de se esconder.

Toda essa farsa, recentemente estrelada por Boris Johnson em Moscou interpretando uma versão palhaça de seu herói, Winston Churchill, poderia ser apreciada como sátira, se não fosse por seu abuso intencional de fatos e compreensão histórica e o perigo real da guerra.

Vladimir Putin refere-se ao “genocídio” na região leste de Donbass, na Ucrânia. Após o golpe na Ucrânia em 2014 – orquestrado pela “pessoa de ponta” de Barack Obama em Kiev, Victoria Nuland – o regime golpista, infestado de neonazistas, lançou uma campanha de terror contra o Donbass de língua russa, que responde por um terço da população ucraniana.

Supervisionados pelo diretor da CIA John Brennan em Kiev, “unidades especiais de segurança” coordenaram ataques selvagens contra o povo do Donbass, que se opôs ao golpe. Vídeos e relatos de testemunhas oculares mostram bandidos em ônibus queimando a sede do sindicato na cidade de Odessa, matando 41 pessoas presas dentro. A polícia está de prontidão. Obama parabenizou o regime golpista “devidamente eleito” por sua “notável contenção”.

Na mídia dos EUA, a atrocidade de Odessa foi minimizada como “obscura” e uma “tragédia” na qual “nacionalistas” (neonazistas) atacaram “separatistas” (pessoas coletando assinaturas para um referendo sobre uma Ucrânia federal). O *Wall*

*Street Journal* de Rupert Murdoch condenou as vítimas – “[Deadly Ukraine Fire Likely Sparked by Rebels, Government Says](#)” (“Incêndio mortal na Ucrânia provavelmente desencadeado por rebeldes, diz o governo”).

O professor Stephen Cohen, aclamado como a principal autoridade em Rússia da América, escreveu:

“A queima até a morte de russos étnicos e outros em Odessa... despertou memórias de esquadrões de extermínio nazistas na Ucrânia durante a Segunda Guerra Mundial. ... [Hoje] ataques de tropas de assalto contra gays, judeus, russos étnicos idosos e outros cidadãos ‘impuros’ são comuns em toda a Ucrânia governada por Kiev, juntamente com marchas de tochas que lembram aquelas que eventualmente inflamaram a Alemanha no final dos anos 1920 e 1930...”

A polícia e as autoridades legais oficiais não fazem praticamente nada para impedir esses atos neofascistas ou para processá-los. Pelo contrário, Kiev os encorajou oficialmente reabilitando sistematicamente e até homenageando colaboradores ucranianos com *pogroms* de extermínio nazistas alemães..., renomeando ruas em sua homenagem, construindo monumentos para elas, reescrevendo a história para glorificá-las e muito mais.”

Hoje, a Ucrânia neonazista raramente é mencionada. Que os britânicos estejam treinando a Guarda Nacional Ucraniana, que inclui neonazistas, não é novidade. (Veja o [Declassified UK](#) de Matt Kennard<sup>2</sup> no [Consortium News](#) em 15 de fevereiro.) O retorno do fascismo violento e endossado à Europa do século 21, para citar Harold Pinter<sup>3</sup>, “nunca aconteceu... mesmo enquanto estava acontecendo”.

Em 16 de dezembro, as Nações Unidas apresentaram uma resolução que pedia “combater a glorificação do nazismo, neonazismo e outras práticas que contribuem para alimentar formas contemporâneas de racismo”. As únicas nações que votaram contra foram os Estados Unidos e a Ucrânia.

Quase todos os russos sabem que foi através das planícies da “fronteira” da Ucrânia que as divisões de Hitler avançaram do Ocidente em 1941, reforçadas pelos cultistas e colaboradores nazistas da Ucrânia. O resultado foi mais de 20 milhões de russos mortos.

Deixando de lado as manobras e o cinismo da geopolítica, sejam quais forem os atores, essa memória histórica é a força motriz por trás das propostas de segurança autoprotetoras e de respeito da Rússia, que foram publicadas em Moscou na semana em que a ONU votou por 130 a 2 para proibir o nazismo. São eles:

- Garantia da OTAN que não implantará mísseis em nações que fazem fronteira com a Rússia (eles já estão instalados da Eslovênia à Romênia, com a Polônia a seguir);

---

<sup>2</sup> Matthew Kennard é um escritor e jornalista inglês, chefe de investigações do site de jornalismo investigativo *Declassified UK*, co-fundado por ele e pelo autor e historiador Mark Curtis.

<sup>3</sup> Harold Pinter (1930-2008) foi ator, diretor, poeta e roteirista, considerado um dos maiores dramaturgos do século XX, além de destacado ativista político britânico.

- A OTAN interrompe exercícios militares e navais em nações e mares que fazem fronteira com a Rússia;
- A Ucrânia não se tornará membro da OTAN;
- Que o Ocidente e a Rússia assinem um pacto de segurança vinculativo Leste-Oeste;
- Restauração do tratado histórico entre os EUA e a Rússia que cobre armas nucleares de alcance intermediário (os EUA o abandonaram em 2019).

Trata-se de um esboço abrangente de um plano de paz para toda a Europa do pós-guerra e deveria ser bem recebido no Ocidente. Mas quem entende seu significado na Grã-Bretanha? O que lhes é dito é que Putin é um pária e uma ameaça à cristandade.

Os ucranianos de língua russa, sob bloqueio econômico de Kiev há sete anos, lutam pela sobrevivência. O exército “em massa” do qual raramente ouvimos falar são as 13 brigadas do exército ucraniano sitiando Donbass: cerca de 150.000 soldados. Se eles atacarem, a provocação à Rússia quase certamente significará guerra.

Em 2015, mediados pelos alemães e franceses, os presidentes da Rússia, Ucrânia, Alemanha e França se reuniram em Minsk e assinaram um acordo de paz provisório. A Ucrânia concordou em oferecer autonomia a Donbass, as agora autodeclaradas repúblicas de Donetsk e Luhansk.

O acordo de Minsk nunca teve uma chance. Na Grã-Bretanha, o discurso, amplificado por Boris Johnson, é que a Ucrânia está sendo “ditada” por líderes mundiais. Por sua vez, a Grã-Bretanha está armando a Ucrânia e treinando seu exército.

Desde a fim da Guerra Fria, a OTAN marchou efetivamente até a fronteira mais sensível da Rússia, tendo demonstrado sua agressão sangrenta na Iugoslávia, Afeganistão, Iraque e Líbia e quebrado promessas solenes de recuar. Tendo arrastado “aliados” europeus para guerras americanas que não lhes dizem respeito, a grande verdade implícita é que a própria OTAN é a verdadeira ameaça à segurança europeia.

Na Grã-Bretanha, uma xenofobia estatal e midiática é desencadeada com a simples menção de “Rússia”. Note a hostilidade instintiva com que a BBC retrata a Rússia. Por quê? Será porque a restauração da mitologia imperial exige, acima de tudo, um inimigo permanente? Certamente, nós merecemos algo melhor.

*Este artigo foi produzido e fornecido ao Velho General pela [Globetrotter](#).*

---

**\*John Pilger** é jornalista, escritor, acadêmico e documentarista australiano baseado principalmente na Grã-Bretanha desde 1962. Forte crítico da política externa americana, australiana e britânica, que considera impulsionada por uma agenda imperialista e colonialista, Pilger ganhou o prêmio de Jornalista do Ano da Grã-Bretanha em 1967 e 1979. Seus documentários ganharam prêmios na Grã-Bretanha e em todo o mundo, incluindo vários prêmios BAFTA. Atualmente ele também é professor-visitante na Cornell University em Nova York. Siga-o no Twitter: @JohnPilger.

---